

A invenção da fala

por Frederico Manica

O professor orientou seus alunos sobre a invenção da escrita, por volta de 3000 A.C., marcando a divisão entre História e Pré-história. Na Pré-História, eram feitos desenhos nas paredes das cavernas. Na História, na antiga Mesopotâmia, os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme, seguidos pelos egípcios com seus hieróglifos. Até hoje, a escrita vem sendo reciclada, reinventada e reatualizada. Hoje pintamos em telas eletrônicas com teclados touchscreen, abreviando, apelidando, traduzindo e ressignificando. Mas e a fala? Como surgiu?

Será que as primeiras palavras foram gritos, grunhidos, gemidos? Quem teria sido o primeiro bebê a pronunciar "mamãe" depois de abrir um sorriso?

Aqui vamos nós. Vamos abrir uma janela dentro da máquina do tempo que existe em nossos pensamentos. Vamos viajar para quando fêmeas e machos já estavam acostumados a fazer fogueiras e cozinhar alimentos, quando começou a sobrar mais tempo para nossos ancestrais usarem a boca, antes ocupada com as tarefas de lamber e mastigar alimentos enquanto não estavam dormindo, colhendo ou caçando.

Os primeiros sons produzidos pelas bocas sinalizavam perigos, contrariedades, sensações. UHUHUHAAAAAHUHUHUHAAAA: Um tigre se aproximando! Uhh. GRRRR. Uh. Uh. GRRRR: Solta meu naco de carne. Ummmmm ummmm mmmm: "que delícia essa banana."

Enquanto vocês ainda estão olhando para dentro da janela da nossa máquina do tempo, vou contar a história de duas personagens. Poderíamos chamá-las de índio e índia, homem das cavernas e mulher das cavernas, Adão e Eva, ou qualquer outro nome. Mas vamos chamá-las simplesmente de Macho e Fêmea.

Um Macho e uma Fêmea, vivendo na época em que nossos ancestrais ainda não sabiam que poderiam utilizar suas bocas e seus cérebros para falar e entender falas. Caminhava faminto pela sua condição e inspirado pela sua abundância de hormônios, nosso jovem e valente ancestral. Peludo e cabeludo, o Macho, atravessa uma densa e linda floresta tropical em busca de alimentos e de parceiras para se reproduzir.

No meio da floresta tropical, cores vibrantes e formas excitantes se destacam, despertando a fome e a curiosidade. O Macho percebe então uma planta esplendorosa, com sua flor aberta em tons avermelhados, apresentando seu estigma sedutor, suas pétalas com seus lábios brilhando umedificados. Com os instintos despertados pela flor, o Macho a retira da planta para tocá-la mais intimamente. Passa seus dedos pelas pétalas, cheira, toca levemente com a língua e se arrepia. E se excita. Num impulso, tentando aprisionar aquele instante, ele acaba guardando-a em meio a sua cabeleira. E segue seu caminho pela floresta.

Depois de caminhar mais algumas horas, o Macho escuta um barulho de água. Segue na direção dessa fonte sonora e encontra um córrego. Prossegue pela sua margem, que se abre numa pequena foz. O Macho percebe um animal, parecido com ele, de cócoras

à beira do riacho, com as mãos ocupadas, mexendo no barro. Aproxima-se silenciosamente. Chegando mais perto, ele nota o vulto agora de quatro, talvez tentando capturar um peixe no recôndito das pedras acumuladas ali na margem. O animal é quase igual a ele, mas já é possível identificar pela diferença nas formas que o vulto é um pouco diferente. É a Fêmea. E a Fêmea está ali, indefesa, praticamente encurralada entre as pedras, o riacho e o Macho que se aproxima.

E ele está vazio de alimentos e cheio de hormônios. Só então a Fêmea percebe a aproximação do Macho. Assustada e indefesa, entre desconfianças e certa curiosidade, ela se encolhe. Abraça suas pernas com seus braços delicados e envolve seus dedos uns através dos outros, na frente das canelas, agachada, apertando os ombros, como quem se fecha na defensiva. Depois levanta o olhar na direção do Macho, à espera de uma atitude abrupta, selvagem. Apesar do instinto latente, latindo, a semelhança, as delicadezas e os perfumes impregnando a paisagem fazem o Macho lembrar a experiência da flor colhida mais cedo. A lembrança contém o impulso selvagem do Macho.

O Macho, ao invés de avançar sobre a Fêmea, retira do meio de sua cabeleira a flor guardada. Ele estica a mão diante de seus olhos e compara a flor com a Fêmea. Absolutamente surpreendida, a Fêmea acaba por balbuciar, num misto de expectativa, curiosidade e instinto, um grunhido incontinente, um sussurro irrefreado:

— Dor?

O Macho, envolto nas mesmas sensações da Fêmea, tentando escutar, tentando entender, tenta repetir o que acaba de ouvir:

— Flor?

A Fêmea, por sua vez, escuta um pouco diferente:

— Amor?

Finalmente o Macho escuta e entende perfeitamente o que acaba de ouvir. E consegue repetir o que a Fêmea expressou:

— Amor!

Ele entrega a Flor para a Fêmea. A Fêmea recebe a Flor. Macho e Fêmea, pela primeira vez, fazem amor. E assim surgiram as palavras Dor, Flor e Amor. Assim surgiu a poesia. Assim surgiu o amor.

Estava inventada a FALA.

Percebam. Como não poderia ser diferente. Foi a mulher, afinal, e não o homem, quem a inventou.

Este conto faz parte do livro **Vem Comigo! — Contos Gametas e Crônicas Cometas**, de Frederico Manica (Editora Cinco Continentes, 2016).